

**A POESIA-LEMBRANÇA DE MURILO MENDES E FERREIRA
GULLAR: O PASSADO NA VOZ EXILADA DO PRESENTE.***

Joelma Sampaio Evangelista (UFJF) **

ABSTRACT: The anguish of the exile in the texts of memorialistic matrix of Murilo Mendes and Ferreira Gullar if makes to notice in the way of joint of its verses, through the rhythm of the time and the necessity of nomination of the souvenirs

O exílio, ainda que seja uma situação tão discutida nos meios intelectuais hoje, sempre foi tema recorrente na literatura, disfarçando em sentimento às vezes nostálgico sua principal razão de existência – a falta . No âmbito latino-americano, por exemplo, podemos citar alguns dos nomes de escritores que exploraram e vivenciaram, por motivos diversos, a condição do exílio, como José Martí, Gonçalves Dias, Gabriela Mistral, Murilo Mendes, Reynaldo Arenas, Mário Benedetti, Julio Cortazar, Ferreira Gullar e Fernando Gabeira.

É preciso ressaltar, no entanto, que, mais do que o distanciamento geográfico, o que marca a obra de um escritor exilado é o sufocante sentimento de perda dos vínculos. Essa ausência de referencial pode ser explicada pelo amplo significado da palavra exílio, uma das formas migratórias mais fecundas hoje. Não se trata apenas de um relacionamento com a pátria distante, mas é uma condição de perda em si, conforme explica Edward Said, para quem “o exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela – o que é verdade para todo exílio não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos”. (SAID, 2003: p. 59)

A relação entre o exilado (aquele que perde) e a pátria (objeto perdido) configura-se como uma eterna busca por algo que nunca virá a ser, ou seja, o sentimento de perda sobrevive ao próprio objeto de desejo. Sob esse aspecto, o exilado sofre a dor da perda, mas também tenta recuperar sua origem perdida através de seu deslocamento como observador. Seu olhar bifurcado se relaciona tanto com a terra estrangeira quanto com sua nação original. Entretanto, o exilado coloca-se sempre em estado tangente, pois

não se prende a nenhum dos territórios. Capta, na verdade, de ambos os lados, o que parece tão descentralizado quanto ele próprio.

Para ganhar o espaço vazio da perda, conferindo-lhe algum significado, o escritor exilado recorre à expressividade pela palavra, recriando o mundo que julga estar faltoso. A literatura torna-se, então, um meio disponível de negociação com o mundo real e com as perdas sofridas pela condição de exílio. Assumindo sua posição de subalterno, de “menor” (no sentido deleuziano) e de popular, este mundo recriado pelo exilado configura uma possibilidade de interferência no grande vazio causado pela perda.

No contexto brasileiro dos “anos de chumbo”, duas obras literárias produzidas em diferentes épocas de condição de exílio entrelaçam-se, por sua maneira sutil e ao mesmo tempo incisiva de tentar recuperar a perda. Trata-se de *A Idade do Serrote*, escrita por Murilo Mendes na Itália, entre 1965 e 1966 e o *Poema Sujo*, escrito por Ferreira Gullar em Buenos Aires, durante sua estada ali em 1975. Os quase dez anos que separam as duas obras não as distanciam. Se por um lado, o exílio de seus respectivos autores efetivou-se por propósitos diferentes, por outro, a mesma vigorosa impossibilidade de recuperar as lembranças da terra natal irrompe em suas atividades poéticas. Vale lembrar, que Murilo Mendes vivia em território italiano já há alguns anos, em função de seu cargo de professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade de Roma e Ferreira Gullar há alguns anos perambulava por vários países, especialmente os da América Latina, em decorrência de seu exílio político. Em ambos, o contato com a terra estrangeira mais a impossibilidade de estar junto aos conterrâneos que sofriam o peso da opressão política (e conseqüentemente opressão cultural), fermentou o desejo de recuperar um passado quase idílico, ainda que fragmentado, figurado nas lembranças da terra natal.

Para expressar esse aflitivo conflito, a poesia parecia ser a chave certa para abrir as portas do presente ausente. Como gênero literário mais próximo ao EU, as palavras no poema manifestam-se pela espontaneidade, atrelando-se ao *ritmo*, que, segundo Octavio Paz, “implica ou prefigura uma linguagem” (PAZ, 1996: p. 11). Sob esse aspecto, o corpo ausente pelo exílio, é representado na comunidade pela “voz escrita”, que se expressa literariamente. O exílio incita o escritor a pronunciar-se frente à repressão política de sua pátria e a poesia torna-se, neste caso, um desafio à prosa

arrogante dos decretos da censura. Era preciso, de certa forma, dar ritmo à nação estagnada, mesmo estando distante dela.

Afirmamos então, que o olhar bifurcado do exilado possibilitou a Murilo Mendes e a Ferreira Gullar escolherem a literatura de cunho memorialístico como a combinação adequada para a desarticulação do panorama opressivo daqueles anos. Afinal, a literatura autobiográfica, do qual fazem parte os textos memorialísticos, posiciona-se de forma dialética, oscilando entre a Literatura e a História, por fugir dos estereótipos da ficção e não se atrelar ao racionalismo historicista. Por este posicionamento dúplice, a literatura autobiográfica “demole facilmente a redoma da categorização imposta pelos meios acadêmicos, caracterizando-se como um produto ativamente diferenciador, por sua força estorvadora”. (EVANGELISTA, 2005: p.31).

Pode-se argumentar que a *Idade do Serrote*, de Murilo Mendes aproxima-se muito mais da prosa (sendo inclusive selecionada nos meios acadêmicos como tal). Também o *Poema Sujo*, de Gullar foge aos padrões poéticos esperados pelo público leitor comum, que ainda se recuperava dos sobressaltos causados pela poesia concreta, pelo poema-processo e pela poesia-práxis. Mas pode-se afirmar que, por esse desajuste poético, a voz do exílio manifesta-se marcadamente, querendo justamente dizer que está fora: fora dos padrões literários, fora do território, fora do tempo presente. Murilo Mendes elabora um poema-prosa, cuja maior característica é a elaboração de retratos - casos e Ferreira Gullar apresenta um poema palavroso, no qual as associações de memória através de palavras soltas reconstituem a narração de sua gênese. Em ambos é notória a intenção de dar ritmo às lembranças através de uma linguagem que manifestasse o desejo de recuperação do tempo/espço ausente, mas que também incomodasse o tempo presente. São, por isso, significativos os títulos de suas obras: *serrote* e *sujo* são vocábulos que remetem explicitamente à árdua tarefa de recuperar um passado não retornável, além de mostrarem seu objetivo de perturbação do tempo presente.

Chamamos a atenção aqui para dois aspectos relevantes que caracterizam o ritmo dos textos de Murilo Mendes e de Ferreira Gullar: a sonoridade e a nominalização.

Na sonoridade, qualidade rítmica por excelência, percebe-se a necessidade de ambos os poetas explorarem as lembranças do tempo passado através de seu efeito

sonoro. Em certos versos de *A idade do serrote*, o tempo é sonoramente marcado pelas recorrentes sílabas tônicas, que remetem a um badalar de carrilhão, como se percebe no trecho a seguir:

As têmporas de Antonieta. As têmporas da begônia.

As têmporas da romã, as têmporas da maçã, as têmporas da hortelã.

As pitangas temporãs. O tempo temporão. O tempo-será.
As têmporas do tempo. O tempo da onça.

As têmporas da onça. O tampão do tempo.

O temporal do tempo. Os tambores do tempo. As mulheres temporãs.

O tempo atual, superado por um tempo de outra dimensão,
e que não é aquele tempo. Temporizemos.

Para Murilo, a sugestão final de temporizar o tempo é muito mais do que um jogo sonoro: trata-se do desejo do poeta de reter um passado prazeroso trazendo-o, através da literatura, para o presente desvalido. Entretanto, sabendo que o tempo não é retornável, resta apenas encontrar na sua sonoridade (quase uma brincadeira de menino) o alento desejado.

O mesmo efeito rítmico pode ser percebido no *Poema Sujo*, de Gullar, onde os versos seguintes demonstram explicitamente a síntese da relação tempo / ritmo:

A noite nos faz crer
(dada a pouca luz)
que o tempo é um troço
auditivo.
Concluídos os afazeres noturnos
(que encheram a casa de rumores,
inclusive as últimas conversas no quarto)
quando enfim a família inteira dorme –
o tempo se torna um fenômeno
meramente químico
que não perturba
(antes
propicia)
o sono.

Os versos de Gullar remetem a uma relação mais densa entre presente e passado, já que conjugam o tempo com a quase ausência de luz. Aqui, o passado não retornável, das conversas no quarto e da família que dorme feliz, pode ser lido apenas por meio do sono, ou seja, do desligamento do presente, do que restou das lembranças. Esta cegueira memorialística também indicia um presente fragmentado, no qual restam ao autor, apenas os sons das lembranças no poema.

A essa fragmentação da lembrança, junta-se outro recurso poético: a nominalização das coisas. Ora nomear, é assim como falar, uma maneira de nos sentirmos conscientes de nós mesmos, além de ser uma maneira de expressar o já perdido. Concretizando as lembranças, o exilado sente-se mais próximo daquilo que lhe pertenceu: a terra natal, o momento em que lá viveu.

Em ambos os poemas se percebe a importância da nominalização das coisas, pois através dessas lembranças caracteristicamente imagéticas, o passado – tempo de felicidade absoluta - parece mais concretizável. Podemos citar, por exemplo, os seguintes versos de Murilo Mendes:

O circo. Amanajós. O balão. O quarto escuro. O canto do
Magnificat. Ciranda cirandinha. O bicho-papão. A mula-sem-cabeça.
Os nomes do demônio. As meninas. A roda do arco. Pianolas.
Quindum-sererê.

Nos versos de Murilo, a constante referência às brincadeiras infantis parece ser uma maneira de suavizar o presente, mas também de apresentar ao leitor, através de uma fragmentação textual, a certeza da incompletude das lembranças.

Já no texto de Ferreira Gullar, leitura semelhante pode ser feita através dos seguintes versos:

Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas
balcões de quitanda pedras da Rua da Alegria beirais de casas
cobertos de limo muros de musgos palavras ditas à mesa do jantar,

Junto à concretização do passado pelos nomes, percebe-se aqui uma consciência da fragilidade da memória através de palavras que remetem à idéia de deterioração do tempo (enferrujados, furadas, gastas).

Nomeando assim as coisas, Murilo Mendes e Ferreira Gullar garantem a presentificação de sua voz, derrubando as vicissitudes do exílio. Também é notório o desejo de colecionar os cacos da memória, arrumando-os como colecionadores minuciosos.

Através dos sons e coisas nomeadas a vida explode, deixando de ser um tempo estático. Neste sentido, cada detalhe lembrado é história de vida, na qual a sonoridade e a imagem–palavra corrompem a angústia da opressão política e cultural. Transformar o som em palavras, é, por sinal, uma forma de subversão da linguagem. Na época forte da censura cultural dos anos 60 e 70 no Brasil, falar em silêncio parecia ser a melhor estratégia. Principalmente para um escritor exilado, as palavras devem poder ultrapassar a distância geográfica e social entre o EU e o OUTRO. À ausência evidenciada pela condição de exílio parece, neste caso, ser suplantada pela própria necessidade de expressão. Em outras palavras, através da poesia de Murilo Mendes e de Ferreira Gullar podemos ler o registro de um protesto contra o presente homogeneizador e solidificador apresentado pela ditadura militar, em uma tentativa de resistência pela Literatura que desemboca na própria perturbação da História.

O protesto através da poesia revigora o papel do intelectual que, tendo que lidar com a ausência de ação, pronuncia-se combatente. Síntese disso é um comentário do próprio Murilo Mendes em entrevista a Leo Gilson Ribeiro: “a poesia para mim vence a morte porque o texto ocupa o nosso espaço intelectual, o texto é uma afirmação de vida, o texto é não só uma projeção da nossa personalidade: é também um ponto de ligação com a comunidade”. (MENDES, 2001: 122).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EVANGELISTA, Joelma Sampaio. *Memórias do Olhar. A formação do olhar na infância de Pedro Nava*. Dissertação de Mestrado em Letras. UFJF: 2005, p. 31.
- GULLAR, Ferreira. *Poema Sujo*. 9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001.
- MENDES, Murilo. A Idade do Serrote. In: *Transistor*. Antologia de Prosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, pp. 31-79.
- Não quero ser popular. Entrevista de Murilo Mendes a Leo Gilson Ribeiro
In: *Murilo Mendes: 1901- 2001* / organizado por Julio Castañon Guimarães – Juiz de Fora: CEMM / UFJF, 2001, pp. 117-125.
- PAZ, Octavio. Verso e prosa. In: *Signos em Rotação*. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996. pp. 11 – 36.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad.

Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 46-60.

* Este artigo baseia-se em comunicação apresentada no Colóquio Relendo a poesia dos anos 70 aos dias atuais – UFJF, 2005

** Doutoranda da Universidade Federal de Juiz de Fora – Doutorado em Estudos Literários